

Pedro Castillo é uma oportunidade para a esquerda peruana

Via [Contrahegemonia Web](#)

A surpreendente vitória de um candidato representando um partido “marxista e leninista” mostra que o Peru rural não pode ser ignorado. Mas é necessária muito mais organização se a esquerda peruana quiser construir um poder político duradouro.

O primeiro turno das eleições presidenciais peruanas desta semana produziu uma surpresa. Pedro Castillo, professor primário e candidato do partido esquerdista Peru Libre, chegou em um sólido primeiro lugar, com cerca de 19% dos votos na contagem atual. O resultado surpreendeu Lima e a mídia internacional. Seu foco nos candidatos mais estabelecidos, ou aqueles com apoio urbano, ignorou a massa de eleitores nas províncias que estão profundamente insatisfeitos com o status quo político e econômico do Peru.

Castillo ganhou fama nacional em 2017 durante uma greve nacional de professores contra o governo do então presidente Pedro Pablo Kuczynski. Depois de ser recrutado pelo Peru Libre para concorrer à presidência este ano, ele era apenas um candidato menor. Mesmo há um mês, as pesquisas o tinham entre 3% e 5%. Mas seu desempenho nos debates o trouxe aos olhos do público, e ele ganhou mais apoio de eleitores simpáticos quando outros candidatos começaram a atacá-lo. Apesar de sua ascensão no final da campanha, a mídia não estava preparada para seu sucesso. Na noite das eleições, a CNN Peru não tinha imagem dele para usar e teve que mostrar uma silhueta genérica enquanto mostrava os resultados.

O partido que ele representa, o Peru Libre, é um partido

bastante obscuro, fundado e liderado pelo ex-governador de Junin Vladimir Cerrón. Cerrón descreveu o partido como “socialista-marxista de esquerda, leninista e mariateguista”. Sua plataforma apóia a nacionalização de recursos e da indústria, o aumento do financiamento para a educação e a criação de uma nova constituição para derrubar a imposta pelo autoritário presidente neoliberal Alberto Fujimori nos anos 90.

Ao contrário dos setores políticos representados por Verónica Mendoza, que ficou em terceiro lugar nas eleições de 2016 e era esperado que fosse o portador padrão para a esquerda nesta eleição, o Perú Libre é marcadamente conservador em questões sociais. O partido também gerou controvérsia porque Cerrón recebeu uma sentença de prisão suspensa por suposta corrupção quando era governador.

O apoio de Castillo vem das províncias do interior e do sul, especialmente do altiplano andino, onde a população é mais pobre e mais rural. A cidade de Lima, por outro lado, responde por um terço da população do Peru e é muito mais rica do que o resto do país. Lima, como a maioria das grandes cidades latino-americanas, é de direita e tende a apoiar candidatos que vão desde o centro liberal até a extrema direita.

Este é o contexto em que os eleitores rurais peruanos repudiaram o consenso neoliberal que se esperava dominar. Além de ter ficado em primeiro lugar na corrida presidencial, o Peru Libre também ficou em primeiro lugar nas eleições parlamentares, ganhando 37 dos 130 assentos na legislatura, de acordo com projeções na época deste escrito. Muitos desses novos congressistas serão peruanos comuns, sem experiência política, que provavelmente nunca esperariam ganhar.

Esta não é a primeira vez que eleitores de fora de Lima surpreendem a classe política. No ano passado, nas extraordinárias eleições parlamentares, o partido União pelo Peru (UPP), aliado ao movimento indígena nacionalista

“etnocacerista” liderado pelo líder rebelde preso Antauro Humala, dominou o sul, desafiando as urnas para conquistar treze assentos. O voto da UPP despencou nestas eleições e a maioria de seus apoiadores parece ter ido para Castillo.

As circunstâncias sob as quais Castillo agora entra em um escorrimento não poderiam ser melhores. Seu adversário é Keiko Fujimori, a filha de Alberto Fujimori, que ficou em segundo lugar nas eleições presidenciais de 2016, mas que agora não é muito apreciada. Seu envolvimento no escândalo de corrupção da Odebrecht, que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos chamou de “o maior caso de suborno estrangeiro da história”, e um par de casos de prisão reduziram sua participação no primeiro turno de votação de 40% para 13%. Ele recebeu apoio suficiente para chegar ao segundo turno, mas em todos os cenários de segundo turno que foram considerados, ele perde para qualquer outro candidato.

Pedro Castillo, entretanto, não foi sondado contra ela ou qualquer outra pessoa, pois nenhuma das agências de pesquisa esperava que ele chegasse ao segundo turno. A partida pode ser de qualquer um. Fujimori é o adversário mais fraco para Castillo, e ele é potencialmente o adversário mais fraco para ela, dada sua representação de extrema-esquerda em um país bastante conservador. Ele pode atacá-la por suas ligações com seu pai, e ela pode atacá-lo por suas supostas ligações com o grupo guerrilheiro amplamente denunciado por atrocidades aos direitos humanos, Sendero Luminoso, uma acusação crônica contra os socialistas no Peru.

Se Castillo ganhar o segundo turno, marcado para 4 de junho, governar será de fato uma batalha difícil. O novo Congresso está extremamente dividido, com vários partidos de direita controlando uma supermaioria de assentos. Somente na última legislatura, o Congresso impediu ou pressionou para a demissão de três presidentes. Não é difícil imaginá-los fazendo isso novamente com Pedro Castillo se ele interferir na agenda deles.

E enquanto Castillo e Peru Libre obtiveram o maior número de votos, eles não têm nenhum movimento político real por trás deles. Sua vitória não foi o resultado de anos de organização, como no caso de outros movimentos de esquerda na América Latina; a maioria dos eleitores que elegeram Castillo o fez nas últimas duas semanas. Ao contrário dos bolivianos que apoiam o Movimento ao Socialismo ou dos brasileiros que apoiam o Partido dos Trabalhadores, a maioria dos eleitores peruanos livres não estão casados com o partido de forma alguma, e seu apoio poderia se dissipar nas próximas eleições.

Também não está claro o quão disciplinada será sua estrutura política e seus novos representantes. O Peru ainda carece de uma esquerda nacional forte que possa dar uma resposta unificada às crises. Sem isso, um presidente anti-neoliberal é vulnerável, como foi o caso do presidente paraguaio Fernando Lugo, que foi deposto por um congresso no qual ele tinha muito poucos aliados.

Os partidários de Castillo o retratam como o “Evo Morales peruano”. Embora as semelhanças existam – um organizador sindical rural de origem modesta – a realidade é que Castillo só recentemente veio à tona, enquanto Evo passou anos como figura proeminente desafiando sucessivos governos de direita, incluindo uma candidatura presidencial fracassada em 2002. Peru Libre é um partido menor que tem tido um sucesso inesperado.

As conexões da Castillo com o partido são novas e provavelmente limitadas. Ele já concorreu como candidato, mas sua principal experiência de organização vem de uma greve de professores de 2017 e como líder de base formado a partir do sindicato SUTEP. A política partidária daquela greve foi, por si só, tensa e dividida, sem mencionar o movimento sindical em todo o país. Em comparação, o Movimento para o Socialismo (MAS) da Bolívia organizou os sindicatos e as confederações camponesas durante anos para criar um instrumento político poderoso e unificado. Esta organização deu à MAS durabilidade,

permitindo-lhe responder ao golpe de 2019 e recuperar o poder.

Neste momento, a esquerda peruana continua desunida. Verónica Mendoza, apesar de perder muito de seu apoio em 2016, ainda obteve 8% dos votos com sua aliança Juntos por el Perú (JPP). Existem grandes fendas entre os dois campos. Mendoza e a maioria do JPP são socialmente progressistas, e seu apoio a causas como a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo choca com a denúncia de Castillo de “ideologia de gênero”, um termo usado por conservadores latino-americanos como Jair Bolsonaro. Muitos partidários mendocinos também acusaram Castillo de ser um demagogo e de não ser autenticamente de esquerda, apontando para sua oposição a um imposto sobre a riqueza.

Peru Libre e o JPP tentaram formar uma aliança antes das eleições de 2020, mas essa aliança foi rejeitada por apoiadores do JPP que se opuseram aos problemas de corrupção de Cerrón, e o acordo caiu por terra. A construção de um poder de esquerda que vá além das tentativas individuais de ganhar votos de uma eleição para outra terá que começar com uma reconciliação entre esses dois campos. Mendoza, por sua vez, diz que quer discutir com Castillo e espera não se curvar aos interesses comerciais, como fez o ex-presidente Ollanta Humala.

Construir o poder institucional socialista a partir do nada é mais fácil dizer do que fazer. Mas se isso puder ser feito, há muitas questões que a esquerda deve abordar: a desigualdade entre Lima e as províncias, os abusos das corporações multinacionais que poluem a terra e roubam a riqueza do Peru, e o ciclo interminável de políticos corruptos que quebram a confiança do povo no poder de mobilização política. Este trabalho começará com o impulso para a elaboração de uma nova constituição.

As probabilidades eram contra Evo Morales, mas ele conseguiu mudar a Bolívia para melhor. O mesmo é possível no Peru. A

primeira tarefa, porém, é derrotar Keiko Fujimori no segundo turno e impedir o retorno de um governo autoritário de direita.